



## Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

### Olhando o coração

No ano passado, comprei um carro e uma das exigências era que ele tivesse aparelho para tocar CD. Reconheço as inovações da tecnologia, mas gosto da materialidade do CD e do livro físico. Eu acho muito bom ouvir música no carro que, em Brasília, sempre tem o seu momento de espaçonave, segundo o poeta Francisco Alvim. Na semana passada, fiquei com vontade de escutar uma antologia de Elba Ramalho. Fui a uma discoteca, mas não encontrei. Então, levei um mais recente. Lo-

go de cara, gostei muito da faixa que abre o disco, *Olhando o coração*, que empurra a gente com o som da sanfona.

Era um forró clássico, mas com uma poesia mais requintada, que me chamou a atenção: "O meu andar pelo mundo/É um andar bem profundo/vai onde tem um forró/uma alegria uma dança/meu coração não se cansa/de uma festa encontrar".

Elba Ramalho, a um só tempo, moderniza e imprime uma marca ancestral nordestina em suas interpretações. Mas eis que, ao folhear o encarte, me deparo com a surpresa: o autor da linda canção é brasileiro, é Clímério Ferreira em parceria com Dominguinhas. O interessante na letra de Clímério é que o forró é apresentado quase como uma utopia de felicidade e como um destino brasileiro ou nordestino.

Ele é um poeta que tira de letra. E, na voz de Elba, as suas palavras ganham sopro, relevo e dramaticidade: "Mas por enquanto nem tento/apreciar as estrelas/olhar pro céu é vê-las/piscarem luzes no chão/eu cá por mim me contento/e sem querer ofendê-las/Em vez de olhar estrelas/olho pro meu coração".

Os irmãos piauienses Clodo, Clímério e Clésio sempre me pareceram índios yanomamis. Clésio já nos deixou, mas legou também lindas canções. Eles não são de briga; são de festa. Não é por acaso que quando se encontraram com Nara Leão se tornaram grandes amigos. A ponto de Nara ter composto a única canção em homenagem aos amigos piauienses.

Clímério chegou a Brasília em 1962, aos 18 anos, para morar na Cidade Livre, futu-

ro Núcleo Bandeirante, na 4ª Avenida, uma espécie de cidade cenográfica de filmes de faroeste, erguida a toque de caixa para abrigar o comércio, os hotéis e outros serviços. Veio com uma carga muito forte de cultura nordestina. Em Teresina, assistiu a autos populares, festas de são-joão, forrós, shows de Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga.

Levou um susto ao ver Gonzagão metido numa roupa encourada de cangaceiro misturada com vaqueiro, em um show promovido pelo Colírio Moura Brasil. Ficou maravilhado com a indumentária, a sanfona, a performance teatral e o sotaque. Pela idade e pela vivência, tinha tudo para ser roqueiro, acompanhava o movimento, ouvia os discos, mas o rock não pegou em sua pele como ocorreu com a maioria das pessoas de sua geração.

A sanfona lhe diz muita coisa, o rock, não. Ele não se jacta de nada, considera até um defeito não ter sido contaminado pela energia do rock. Em Brasília, reencontrou um pedaço desgarrado do nordeste e um espaço para ser piauiense/brasiliense. Tornou-se professor da Universidade de Brasília, fez doutorado no Canadá, mas não perde o despojamento de índio piauiense.

*Olhando o coração* é uma das 60 músicas que os irmãos piauienses compuseram com Dominguinhas, a quem conheceram em Brasília, em 1979. É um hino ao forró e aos poderes de imantação da música: "O meu andar pela vida/é sem controle errante/é como um sonho de amante/que acredita no amor/e nessa trilha perdida/no rumo desconhecido/o meu andar atrevido/cura a ferida e a dor".

**ZONOSSES /** Especialista ressalta que matar morcegos é crime ambiental e que são imprescindíveis ao meio ambiente. O **Correio** conversou com sândico sobre os animais infectados e quais ações fará para controlar a presença desses mamíferos

# Condomínio vai podar árvores

» ARTHUR DE SOUZA

No dia seguinte ao da repercussão de que dois morcegos foram encontrados mortos na AOS 2 da Octogonal, o **Correio** ouviu, ontem, especialistas que orientaram como se deve lidar em situações do tipo, que envolvem esses animais, especificamente. Eles ressaltaram a importância de evitar tocar esse que é o único mamífero voador do planeta e, caso esteja vivo, de maneira alguma atacá-lo. Nesse sentido, Fabrício Escarlata, professor de ciências biológicas do Ceub, destacou que tirar a vida de qualquer espécie nativa da fauna brasileira é crime ambiental (**confira quadro O que diz a lei?**).

"Por isso, não é permitido matar, sem as devidas autorizações. Além disso, são animais que prestam serviços ecossistêmicos importantíssimos, inclusive, para a vida humana", alertou. "Para se ter uma ideia, quando falamos dos morcegos frugívoros (que se alimentam de frutos, caso do par localizado na Octogonal), eles são conhecidos como dispersores de sementes e são considerados os principais formadores de florestas", acrescentou o especialista.

Escarlata também comentou sobre as possíveis consequências para quem insiste em ter contato com um morcego, em qualquer circunstância. "Eles são transmissores de várias doenças, com a principal delas sendo a raiva. O contato com qualquer fluido corporal desse animal pode expor as pessoas, que não estiveram devidamente vacinadas, a essa doença, que é letal", reforçou.

"Temos ainda a histoplasmose, causada por um fungo presente nas fezes dos morcegos. A via de contato é, basicamente, a inalação dos esporos (unidades de reprodução) desse fungo. Ela não tem a mesma gravidade da raiva, mas pode causar uma síndrome pulmonar mais agravada ou acometer outros órgãos", disse.

### Preocupação

A reportagem esteve onde os

Fotos: Arthur de Souza/CB



GDF aconselhou o condomínio da Octogonal a podar árvores para reduzir morcegos



O síndico Francisco Mendes foi orientado a tomar várias vacinas para reduzir riscos

morcegos infectados foram encontrados e conversou com o síndico do condomínio vizinho a esse ponto. Segundo Francisco Carlos Mendes, 67 anos, o primeiro caso foi no feriado de 1º de maio. "Desci de manhã cedo para passear com o meu cachorro e um morador me alertou sobre um morcego morto. De início, fiquei preocupado e com medo, pois não sabia a causa do óbito", comentou. "Peguei (o bicho) com auxílio de um saco plástico, e o levei até a Zoonoses. Algum tempo depois, me ligaram comunicando que os testes tinham dado positivo para a raiva", confirmou.

De acordo com Mendes, o segundo foi localizado, cerca de uma semana depois, do lado oposto de onde o anterior foi encontrado. "Só que, desta vez, eu estava melhor orientado e utilizei uma pá para fazer a remoção. Levei novamente à Zoonoses e o resultado também deu positivo para a doença", detalhou. "Desde o primeiro caso, passamos a divulgar a informação para os nossos moradores e para as administrações de outros condomínios da Octogonal por uma rede social", declarou. O síndico disse ter certeza de

que foram casos isolados. "Depois do último (morcego), não apareceu mais nenhum. É normal ter a presença deles, pois temos muitas árvores frutíferas no condomínio", avaliou. Segundo ele, após o primeiro caso, por ter contato indireto com o morcego, a equipe da Zoonoses o orientou a buscar o Hospital Regional da Asa Norte (HRAN). "Fui e lá, me indicaram tomar quatro vacinas. Terminei o ciclo no último sábado", destacou.

A equipe da Secretaria de Saúde também aconselhou o condomínio a fazer uma grande poda nas árvores do local. "Sugeriram a desfolhagem das copas para que elas não sirvam de 'dormitórios' a morcegos. Esse é o próximo passo a ser dado pelo condomínio. Vamos nos reunir e discutir como fazer (a poda). Acredito que precisaremos de, pelo menos, 30 dias para dar início ao processo", observou.

O caso da AOS 2 ligou o sinal de alerta em outros moradores. Ítalo Araujo, 37, é presidente da Associação Park Dog (Apdog) do Sudoeste e contou ao **Correio** que, por causa da repercussão, seu grupo decidiu realizar uma campanha de vacinação, no próximo sábado, no par-

que da CLSW 104, das 9h às 12h. "Estamos nos precavendo. No local onde os nossos cães frequentam, costuma haver alguns morcegos e, por isso, decidimos fazer essa vacinação", ressaltou.

### Vacinação

Bióloga da Diretoria de Vigilância Ambiental de Zoonoses, Gabriela Toledo ressaltou que a raiva é uma doença que pode afetar qualquer animal do grupo dos mamíferos, desde os domésticos até os silvestres. Mesmo assim, ela alertou que não se pode eliminar os morcegos. "Esses animais, em específico, têm uma grande importância ecológica, seja com dispersão de sementes, polinização ou controle de insetos, por isso, não devem ser mortos", reforçou.

Gabriela destacou que a importância epidemiológica dos morcegos, para o controle da raiva, ocorre quando eles estão com um comportamento fora do padrão, como serem vistos durante o dia, vivos ou mortos. "Nesses casos, a recomendação é não manipular o animal — há o risco de levar uma

mordida — e ligar para a Gerência de Vigilância Ambiental, para que seja recolhido e encaminhado ao laboratório. Lá, haverá a realização do diagnóstico", orientou.

De acordo com a bióloga, atualmente, a principal medida do programa de vigilância da raiva é a vacinação de cães, gatos e animais de produção (bovinos, equinos, ovinos). "Para os dois primeiros, o imunizante é disponibilizado gratuitamente no SUS. No DF, contamos com 14 postos fixos, que podem ser consultados no site da Secretaria de Saúde", comentou. "Também é oferecida a prevenção pós-exposição para pessoas que tiveram acidentes com animais infectados. Ela é realizada conforme a avaliação das equipes de saúde. É uma medida necessária para evitar o desenvolvimento da doença", explicou.

### O que diz a lei?

De acordo com a Lei nº 9605/1988, Capítulo V, Seção I, Art. 29, é crime "matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre, nativos ou em rota migratória, sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade competente, ou em desacordo com a obtida".

**Pena:** detenção de seis meses a um ano, e multa.

### Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.dfg@dabr.com.br

#### Sepultamentos realizados em 20 de maio de 2024

##### » Campo da Esperança

Asael Rios Guirau, 79 anos  
Boaventura Araújo Cardoso, 91 anos  
Carlos Gomes da Silva, 88 anos  
Elisângela Cristina Freitas, 48 anos  
Helena Mello de Medeiros, 86 anos  
Inez Silveira Afonso Diogo, 80 anos  
José Antônio Machado Cordeiro, 75 anos  
José Severino da Silva, 55 anos  
José Vicente da Fonseca, 75 anos  
Lamartine da Silva Mourão, 70 anos  
Leivi José da Silva, 52 anos  
Maria Ângela Vieira Viana, 88 anos

Maria Auxiliadora Cavalcante de Albuquerque, 63 anos  
Maria das Neves de Carvalho, 81 anos  
Rafael Thiago da Conceição Maria, 24 anos  
Sebastião Batista da Silva, 85 anos  
Vitor Nascimento de Moraes, 90 anos

##### » Taguatinga

Antônio Manoel Pereira, 54 anos  
Aniceto Batista de Sousa, 75 anos  
Dirce Alves dos Santos, 92 anos  
Elismar de Souza Aguiar, 57 anos  
Enzo Gabriel Albino da Silva, 1 ano  
José Renato Salvador Rodrigues,

40 anos  
Juarez Alves da Silva, 75 anos  
Maria das Graças Gonçalves, 75 anos  
Marta Maria de Melo Campos, 63 anos

##### » Gama

Ademar Severino de Souza Júnior, 43 anos  
Francisco Bezerra dos Santos, 73 anos  
Luciene Almeida de Moraes, 56 anos  
Marta Benedita Jesus do Carmo, 56 anos  
Otaclia Bispo Brandão, 85 anos  
Valter Lopes da Silva, 68 anos

##### » Planaltina

Luis Fernando de Souza Melo, 17 anos  
Regina Célia Ribeiro de Souza, 53 anos

##### » Brazlândia

Geralda Rodrigues de Freitas, 85 anos  
Santina Rodrigues do Prado, 88 anos

##### » Sobradinho

Manoel Eduardo dos Santos, 67 anos

##### » Jardim Metropolitano

Álvaro Braga da Silva Júnior, 50 anos



MISSA DE SÉTIMO DIA

Maria Josina de Abreu Cunha Campos

★ 19.05.1940 + 16.05.2024

22.05 | 17:00  
QUARTA | HORAS

SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DE FÁTIMA  
SGAS 906 ASA SUL - BRASÍLIA - DF